

MOBILIDADE ESTUDANTIL E COMPETITIVIDADE

Por sociodialetica, às 10:51 | [link do post](#) | [comentar](#)

A competitividade é o motor do desenvolvimento!

Eureka! Está descoberta a origem da riqueza e da fome, do crescimento e do subdesenvolvimento, da opulência de alguns e do desespero de muitos.

Eureka! Cantemos todos hossanas à competitividade, seja ela ética ou selvagem.

Tanto faz porque também não sabemos bem o que é essa tal competitividade, emergida do pântano olímpico da sociedade de consumo.

Afastemo-nos da cooperação (excepto da que é competitiva), da conjugação de esforços (excepto quando é para estrangular o outro), da preocupação pela sociedade (excepto quando é para espoliá-la dos seus atributos), do altruísmo (excepto quando permite revelar o nosso egoísmo) e de outras peçonhas maléficas da dignidade humana e da honra.

A competitividade tem a grande capacidade em transformar más ideias em boas práticas.

Vem tudo isto a propósito da mobilidade estudantil.

Alguém que nunca foi ao futebol (onde poderia assistir ao clubismo e nacionalismo exacerbados), que não passou pela crise de 1929/33 (onde encontraria as raízes do inicial apoio popular ao nazismo e fascismo), que nunca conduziu na Grã-Bretanha (onde perceberia que pela ilha os caminhos são desconhecidos do resto da Europa). Alguém que era suficientemente culto para perceber que é possível transformar a guerra (com destruição de cidades, mortes e prisioneiros) em guerra económica (com destruição de homens, fome e subjugados). Alguém sonhou que era possível transformar a Europa dos conflitos na Europa da cooperação.

Os políticos se encarregaram de transformar o processo necessariamente lento de superação dos conflitos nas atabalhoadas estruturas e dinâmicas que lhes garantam o emprego que, por miseráveis limitações biológicas, nunca poderia ser secular.

No meio deste sonho de fraternidade, que certamente nunca poderia dar bons resultados, tiveram a triste ideia de fomentarem a circulação da juventude entre os diversos países para estimularem o conhecimento mútuo e o estabelecimento de relações sociais, para pelo património linguístico absorver as culturas locais, para criar aqui reforçar ali a interculturalidade, a percepção da diversidade civilizacional existente no espaço político, que se pretendia comum hoje, único amanhã.

E assim ganhou força a mobilidade estudantil.

Durante anos a experiência funcionou como rede de contactos que deixava em cada participante a marca das especificidades dos países onde residia alguns poucos períodos. Aqui e ali era reforçada por alguma fuga de cérebros, mas sem grande relevância.

As universidades foram o centro dessa mobilidade.

Entretanto a argúcia gestonária das Universidades, sempre imbuída nos elevados valores da competitividade, expressa no bronze lapidar dos rankings – deixem ficar em inglês para ser mais chique – perceberam que o número de estudantes atraídos para as suas universidades poderia contribuir para um melhor posicionamento da sua instituição em relação às restantes.

A mobilidade deixou de ser importante para quem se oferece. Passa a sê-lo para quem recebe.

A veleidade da integração cultural – que apesar de tudo ainda se continua a conseguir como aperitivo – dá lugar ao realista, e quantificado, número de

estudantes recebidos. Os cursos em inglês, a formação de guetos dos que partilham os mesmos sentimentos, a não percepção da cultura do outro deram finalmente lugar a algo mais consentâneo com os desígnios da competitividade. Não dos jovens, certamente!

Partilhar [Email](#)

